

Do literário ao paradidático: textos para crianças em meio a crises ambientais

Mayara Corrêa Tavares¹
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing²

Resumo: A literatura infantil tem sido conhecida e valorizada não apenas como a arte das palavras, mas como material de leitura disponibilizado ao público infantil pelo mercado editorial em diferentes formatos: literatura literária para crianças e literatura para crianças, esta na forma de textos paradidáticos e informativos. Temas importantes como questões/crises ambientais são discutidos não apenas em livros isolados, coleções, séries, mas também veiculados em *blogs*, *sites*, portais. Faz-se necessário avaliar não apenas as diferenças entre os textos referidos, mas analisar a dimensão do conteúdo abordado e a qualidade da linguagem empregada em sua veiculação. Para tanto, a literariedade assume destaque na seleção de obras para crianças. Pais, professores, bibliotecários precisam circular entre textos apresentados em distintos suportes para que dimensionem a qualidade das materialidades disponibilizadas para a leitura esses leitores em construção. O perfil do leitor que se deseja construir depende não apenas das escolhas da família, da escola, mas do próprio leitor. Também o mercado editorial estimula esse leitor a ampliar suas práticas de leitura ou constrangê-lo, afastando-o do universo da leitura. As lendas brasileiras, só para citar um exemplo, apresentam conteúdo variado e rico para que o leitor entenda fenômenos naturais cuja existência só pode ser explicada no âmbito da fantasia.

Palavras-chave: Leitura literária; livros infantis e paradidáticos; literatura e meio ambiente

From literary to paradidactic: texts to children in environmental crises

Abstract: Childrens literature has been known and valued not only as te art of words, but as Reading material available to children by the editorial marked in diferente formats: literary literature for children and literature for children in informative and paradidactic texts. Important subjects such as environmental subjects/crises are discussed not onl in isolated books, collections, series, but also veiculated in blogs, sites, portals. It is necessary to evalutate not only the diferences among the cited texts, but to analyze the dimension of the approached contente

¹ Licenciada em Letras – Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo. Monitora do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura da Universidade de Passo Fundo/RS.

² Doutora em Letras pela PUC/RS. Pós-doutora pela Universidade de Extremadura/Espanha - Facultad de Biblioteconomia y Documentación. Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado - na Universidade de Passo Fundo e Mestrado na Universidade Regional Integrada/ URI Frederico Westphalen/RS. Pesquisadora produtividade CNPq. Coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura da Universidade de Passo Fundo.

Textura	Canoas	v. 19 n.39	p. 112-133	jan./abr. 2017
---------	--------	------------	------------	----------------

and the quality of the language employed. For that, literarity assumes a highlight in the selection of texts for children. Parents, teachers, librarians need to go around presented texts in distinct supports to give dimension to the quality of the presented material for reading of these growing readers. The profile of the reader that we desire to build depends not only in the choices of the family, the school, but of the reader himself. Also the editorial marked stimulates this reader to broaden his reading practices or to restraint it, distancing him of the reading universe. Brazilian tales, just as an example, present variable and rich content so that the reader understands natural phenomena whose existence may only be explained in the context of fantasy.

Keywords: Literary reading; children and didactic books; literature and environment

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá,
Onde a criança diz: Eu escuto a cor dos
passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
Funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um
verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de
fazer
Nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.
Manoel de
Barros (1998, p. 150)*

PARA QUE SERVE A LITERATURA? E A LITERATURA PARA CRIANÇAS?

Tal pergunta remete a uma resposta simplista: para nada. Não se avalia literatura pelo viés do pragmatismo, do utilitarismo. Entenda-se, no entanto, que o nada remete ao tudo. Certamente o envolvimento não apenas de crianças, mas também de jovens, adultos e idosos com textos literários, em suportes os mais diversificados, constitui-se numa aproximação com o universo das palavras, organizado com finalidade estética, estimulando a atração, o gosto, o prazer pela leitura. Oportunidade ímpar se apresenta aos leitores e aos leitores em formação para que entrem em contato com temas

universais os mais diversos, interessantes e pertinentes, com possibilidades inimagináveis de ampliar não apenas a interioridade de cada um desses receptores, mas o repertório vocabular e, textual entre tantos outros benefícios. A circulação pelo real se efetiva e amplia-se, no leitor, também, o uso da imaginação, da fantasia, promovendo, por isso mesmo, o desenvolvimento da criatividade. É o momento em que o leitor, como protagonista do ato de ler, na interação autor-texto-leitor, pode vivenciar outras histórias, pode identificar-se com personagens os mais distintos, pode vivenciar situações inusitadas em diferentes cenários, em diferentes tempos, em contextos muito diversificados para satisfazer seus interesses, necessidades, desejos até certo ponto inalcançáveis em suas vivências quotidianas, reais. Essa riqueza remete à infância de quem viveu rodeado de livros, de narrativas, de poemas recitados. Remete à escola que frequentou e que valorizava livros em todos os momentos, em todos os espaços, para todos os gostos, para leitores em formação, independentemente da idade e do nível escolar.

Aproximações com manifestações literárias foram e continuam sendo bem-vindas desde o período de gestação do bebê, momento em que narrativas, poemas, cantigas, trava-línguas, adivinhas são apresentados a este pequeno ser em formação, sensibilizando não apenas a mãe, mas promovendo as primeiras experiências do bebê com textos estruturados esteticamente (TUSSI E RÖSING, 2009). Essas experiências precisam acontecer ao longo da vida, atingindo crianças, jovens, adultos e idosos.

O processo de tomada de consciência do mundo em que a criança vive se amplia à medida que lhe são oferecidas oportunidades de envolvimento com diferentes textos, ao longo de seu crescimento físico e de seu desenvolvimento mental e afetivo. Constituem-se como portas de acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade, de estímulo à construção de novos conhecimentos, de apropriação de valores, sejam eles no contexto de concepções tradicionais ou novas, resultando no desenvolvimento do senso crítico, no aprimoramento da sensibilidade pela interação com o outro, com os outros emergentes nesses textos. Sustenta-se nesse processo a ampliação do potencial de cada leitor para promover as mudanças pessoais e sociais que se tornam necessárias e muito importantes no desencadeamento da aprendizagem por toda a vida. Essa caminhada permite a transformação dos leitores em leitores proficientes, competentes, portanto.

Contemporaneamente, faz-se necessário destacar o envolvimento dos pequenos leitores com distintos conteúdos apresentados não apenas em livros

impressos, mas em computadores, com especial atenção a *tablets*, *smartphones*, onde se mesclam vídeos com apresentações musicais, documentários, jogos de distintas naturezas, onde emerge não apenas o caráter lúdico desses conteúdos, mas propósitos pedagógicos com preferências marcadamente adultas. Tenta-se desenvolver a leitura sem omitir possibilidades de escrita do impresso ao digital. Aproveita-se o texto literário, ainda, independentemente das críticas que se faz ao uso do texto como meio, para tratar de temas que pressupõem mudanças nas atitudes dos leitores como resultado dessa leitura. É o caso das relações que podem ser estabelecidas entre literatura e meio ambiente.

E O PAPEL DA LITERARIEDADE?

A questão que não deixa de cutucar nosso pensamento e que se repete sempre: Para que serve o envolvimento do leitor com textos literários? A resposta, mais uma vez, pode ser redutora demais: para nada! Ou mesmo apresentar um elenco de benefícios, vantagens não mensuráveis a curto ou médio prazos nem perceptíveis a olho nu. A questão diz respeito à literatura substantiva. O envolvimento com o texto literário permite ao leitor autoavaliar-se, dirigindo um olhar crítico para seu interior; permite, também, imaginar como as outras pessoas são; e mais, permite fazer comparações entre os outros e ele mesmo, vivenciar, nas ações e reações das personagens, pela narrativa, ideias, sentimentos, emoções. Assim, o receptor pode cotejar valores vivenciados, princípios defendidos por outros (os personagens), em relação aos que o impulsionam internamente e que o impelem a falar ou a escrever. São experiências subjetivas que aprimoram o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Langer (2005), em coro com outros teóricos, contribui com a reflexão quando se refere ao poder sedutor da literatura:

Nós vivemos e contamos nossas vidas através da narrativa. Ao fazê-lo, ficamos frente a frente com a vida – uma condição humana – em toda a sua extensão. Na vida não podemos escolher certas condições e colocar outras de lado. A história conta, existem conflitos e desejos, uma variedade de perspectivas fazem parte do todo. Nós precisamos lidar com as muitas forças que criam a realidade que vivenciamos, incluindo a inseparabilidade das partes, as lacunas, as mudanças de tempo e de perspectiva, os múltiplos pontos de vista proveitosos dos quais uma situação pode ser encarada e as muitas vozes que participam dela. Essas características perturbadoras e, por vezes, antagônicas convergem para um ponto, a interseção da nossa sensibilidade (experiências vividas) com as condições criadas durante nossa interação com o trabalho literário. É nesse

momento que nós não apenas aprendemos a ver as coisas de muitas perspectivas diferentes, mas também nos tornamos cientes de que existem muitas possibilidades, muitas verdades e nenhuma resolução final. (2005, p. 20-21)³

Em meio aos ditos, aos subentendidos, às pausas, aos silêncios, o leitor vai construindo representações mentais que se alteram a cada leitura, momento em que se estruturam representações textuais a partir da compreensão de que o leitor tem a respeito de um texto e da interpretação que faz do mesmo. Tais representações são mutáveis não apenas a cada leitura, mas em proximidade com outros pensamentos, com as perspectivas de outras leituras, com as manifestações feitas em um debate, com o universo que abrange leitor-texto-autor, leitor-outro leitor, leitor-outras leituras:

Os posicionamentos não são lineares, têm o potencial de voltar na leitura a qualquer momento e resultam de interações variadas entre um leitor em particular e um texto em particular. Assim os posicionamentos são parte da experiência de construção de representações de todos os leitores, mas os padrões particulares que seguem e o conteúdo particular que contêm são baseados nas experiências e expectativas de um leitor em particular enquanto está interagindo e estabelecendo trocas com um determinado texto. (LANGER 2005, p.32)⁴

Ler, compreender, interpretar, apropriar-se de ideias, sentimentos. Essas possibilidades se desencadeiam durante o processo de formação do leitor. Ao mesmo tempo, criam-se condições de falar sobre, de comunicar a experiência leitora, demonstrando que somente é possível apropriar-se internamente daquilo que se consegue extrojetar pela fala ou pela escrita. Nessa complexidade da leitura, de acordo com Teixeira, destaca-se a escrita:

Desde que foi inventada, há mais de cinco mil anos, a escrita sempre foi uma das formas mais sofisticadas de tecnologia, sofisticação essa bem patente na história labiríntica dos alfabetos. Assim como é preciso habilidade para saber ler e escrever, também é necessária inteligência penetrante para inventar e improvisar literariamente, procurando novas

³ LANGER, Judith. *Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino da literatura*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 20-21.

⁴ *Ibid.*, p. 32.

Faz-se necessária, nesta fase do estudo, uma interlocução com o crítico literário português Carlos Reis. Chama a atenção dos leitores: inicialmente, porque o envolvimento com um texto literário poder promover uma reflexão sobre diferentes segmentos culturais ao lado da contribuição discursiva, que incute uma certa pluridiscursividade à escrita literária.⁶ Acrescente-se a essa primeira ponderação o entendimento da linguagem literária como polissêmica, ou seja, com a possibilidade de os termos empregados num texto literário serem entendidos em diferentes acepções.

Participantes do processo comunicativo em que se constitui a leitura, ou na dimensão do diálogo efetivado entre leitor-obra-autor, precisam recorrer a fatores significativos como o contexto, para entenderem em que sentido as palavras estão sendo empregadas. Essa polissemia gera ambiguidade, percebida no âmbito do discurso literário como recurso de enriquecimento semântico. Num olhar inicial descomprometido, essa ambiguidade poderia ser assimilada como um ruído na comunicação que vai se estabelecendo na recepção do texto. Ao contrário, entre os participantes desse processo comunicativo, transforma-se num desafio a ser enfrentado em meio a múltiplos sentidos. A obra é aberta à significação pelo leitor (ECO, 1996, p.62)⁷, desde que conservada a coerência em que foi produzida pelo autor, numa interseção entre o repertório de signos do receptor e o repertório de signos do autor. Nessa perspectiva, a literariedade remete ao necessário domínio de repertório vocabular amplo, capaz de facilitar a apreensão dos reais sentidos empregados em determinado texto, observando-se a coerência mantida nesse tecido, matéria prima da obra literária. Remete, também, ao imprescindível domínio de repertório textual, aprimorando o conhecimento prévio do leitor, importante na aproximação do receptor do texto literário e em sua significação. A literatura destinada a crianças precisa observar as peculiaridades literárias que

⁵ TEIXEIRA, Luís Filipe B. A reconfiguração da literatura (ficção) no contexto dos novos mídias (ficção, e-textos, hipertextos e videogames: “máquinas literárias”?). PORTELA, Manoel (Coord.) Revista de Estudos Literários: Literatura no século XXI. 2012 – 2. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012. p. 244-245.

⁶ REIS, Carlos. O conhecimento *da literatura*: introdução aos estudos literários. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 1997. p. 106.

⁷ ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 62.

qualificam o texto e o diferenciam da linguagem informação, da linguagem comunicação empregada nas práticas sociais.

O conteúdo do texto literário é de caráter ficcional, conforme já referido, enunciado pelo autor com um alto grau de originalidade, atendendo à necessidade de propiciar efeitos estéticos capazes de causar um certo estranhamento. Garante espaço para abrigar relações com outros textos (dimensão intertextual), pressupondo uma recepção sensível por parte do leitor, com a competência para identificar os recursos empregados, comunicá-los e valorizar, assim, o texto produzido numa perspectiva bastante criativa. Tradicionalmente, é um texto escrito, característica esta que se abre, contemporaneamente, podendo ser apresentado em meio digital (dimensão hipertextual e hipermedial), sendo postado em *blogs*, *sites*, ou mesmo em outros espaços virtuais usados, também, no cotidiano das comunicações em redes sociais como Facebook e Twitter.

QUESTÕES AMBIENTAIS: O CENÁRIO INTERNACIONAL

O surgimento da industrialização despertou no mundo a preocupação com a preservação ambiental para as futuras gerações. Além disso, após a Segunda Guerra Mundial, manifestou-se o alerta sobre a era nuclear e a poluição por radiação. Diante deste cenário, a Organização das Nações Unidas (ONU) convocou, em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo (Suécia), e a sua declaração final possui princípios que constituem um Manifesto Ambiental. Segundo o *site* das Nações Unidas no Brasil (<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente>), em 1987, após a médica Gro Harlem Brundtland assumir a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, foi publicado o relatório *Nosso Futuro Comum*, que torna pública a ideia de desenvolvimento sustentável. A partir dessa preocupação, frequentemente há conferências em todo o mundo para discutir estes assuntos, como no Rio de Janeiro, em 1992, a Cúpula da Terra, como ficou conhecida, em Barbados, em 1994, em Johannesburgo, em 2002, e Rio de Janeiro, novamente, em 2012 – a Rio +20. A ONU esclarece que, em outros eventos, as questões referentes ao desenvolvimento sustentável estão latentes.

Na literatura, partindo dessa perspectiva de abordar o meio ambiente para conscientizar a população sobre sua preservação e utilizando reuniões organizadas pela ONU, Rodrigo Lacerda (2016), em *Todo dia é dia de*

apocalipse, faz uma crítica à crise ambiental. Na narrativa, o personagem principal é um jornalista de uma revista científica enviado para noticiar a “Assembleia Extraordinária Sobre as Mudanças Climáticas”, na ONU, em Nova York, que discute o futuro da população diante da situação ambiental apocalíptica. Durante o evento, o personagem revê suas concepções a respeito da preservação ambiental e suas escolhas pessoais, desafiando o leitor a refletir sobre a crise ambiental. É uma obra que propicia ao leitor circular entre instituições reais, cuja existência precisa considerar problemas vivenciados no planeta e que atingem a segurança da humanidade, e construir pensamentos críticos em meio à narrativa ficcional que consagra Lacerda, ainda mais, como um grande escritor.

Já eram 16h30 quando subiu ao palco o último palestrante o dia. Ele falaria do trabalho desenvolvido em conjunto com um centro de pesquisas atmosféricas americano e uma universidade europeia. A solução que oferecia para o excesso de calor solar era simples: borriifar as nuvens estratos-cúmulos, que cobrem a maior parte dos oceanos, com partículas de água salgada. Os cristais microscópicos da água refletiriam os raios solares e diminuiriam a temperatura na atmosfera. Esse plano precisava de apenas quatro anos para ser aplicável, e seu custo era dos mais baixos, mal chegando a um bilhão de dólares. Mas senti que a plateia não botou muita fé naquela simplicidade toda: combater o aquecimento global colocando água salgada nas nuvens?

[...] Para ONGs ecológicas e militantes da causa verde em geral, os rumos da Assembleia deixavam claro que nossos líderes haviam desistido de fortalecer a consciência da humanidade, de dar a ela a força de vontade necessária para diminuir sua dependência do vício industrial e suas fumaças letais.

[...] Estava sentindo falta de alguma coisa naquelas palestras, mas ainda não sabia exatamente o que era. Esse sentimento de ausência incomodava, lá no fundo, e me fazia questionar tudo aquilo que estava sendo dito no plenário.

Fui visitado por uma sucessão de pensamentos ruins e inquietantes. Em comparação com a minha vida financeira, o aquecimento global ia muito bem, obrigado. E pior: era terrível pensar que não solucionaríamos os problemas ambientais superando nossos equívocos civilizatórios. Então não adiantava nada reciclar plásticos e alumínio, economizar água, evitar combustíveis fósseis, adotar energias renováveis, ter minhocários na área de serviço para a compostagem? A mudança social seria mesmo inútil? Eu me recusava a acreditar que a sobrevivência da espécie brotaria justamente da corrida econômica, no caso, a da economia verde, ou seja, de uma nova

manifestação da concorrência (entre os países, laboratórios e institutos de pesquisa, da ganância (das corporações) e da vaidade (dos cientistas). Será que o capitalismo verde, mesmo tendo uma dinâmica tão parecida com os anteriores, conseguiria ser politicamente correto? (LACERDA, 2016, p. 35-37).

A contemporaneidade do tema desenvolvido por Lacerda propicia ao leitor de qualquer faixa etária uma dúvida permanente: está diante de uma notícia ou de uma narrativa ficcional? A riqueza da linguagem, da estrutura textual como um todo, as nuances empregadas na abordagem do tema, no entanto, permitem que se desenvolvam reflexões na ampliação da tomada de consciência sobre realidade tão pertinente.

Outra contribuição importante para o desenvolvimento do tema precisa ser destacada. Ziraldo, escritor e desenhista de humor, na variedade e riqueza de sua produção artística, criou o *site O que você fez pelo planeta hoje?* (<http://www.oquevocefezpeloplanetahoje.com.br/>). O objetivo do projeto é promover a construção de um mundo melhor, ressignificando o papel da sociedade. A empresa, por meio dos seus consumidores, colaboradores e fornecedores, bem como de outros parceiros, divulga informações e experiências sobre o meio ambiente. Na obra *O menino da Terra*, de Ziraldo (2010), o personagem principal é um menino chinês, incumbido de plantar em outro planeta a vida existente na Terra, que foi destruída pela humanidade, convidando as crianças a se preocuparem mais com questões ambientais.

Quando se aproximou da Terra – que, no Espaço, descobrira que era azul – Nan levou o maior susto de sua vida: a Terra havia se transformado em uma enorme bola marrom, toda crestada, sem água, sem ar, completamente arrasada.

Não deu para Nan sequer localizar de que lugar da Terra ele havia partido. Não deu para saber onde havia deixado seu pai querido, que lutara a vida inteira para avisar os habitantes de seu país e de toda a Terra que eles estavam destruindo o planeta onde viviam. Então, Nan chorou como nunca havia chorado antes. (ZIRALDO, 2010, p. 12)

Circulando pela linguagem dos quadrinhos, este assunto está presente no livro *A floresta é nossa*, de Paulo Munhoz (2010). Na obra, os personagens são animais, como tamanduá, pássaro, onça, entre outros que, ao entrarem em férias e realizarem atividades distintas, são surpreendidos por vilões tentando dominar a floresta, espaço de aconchego, doce lar daqueles animais. Com tecnologia, muita magia e animação, o texto propõe uma reflexão sobre o

futuro da humanidade e sua contribuição por meio do desenvolvimento sustentável.

Além destes, encontra-se disponível no YouTube, no canal da Turma da Mônica (<https://www.youtube.com/watch?v=L3zaoUaHJhQ>), um vídeo sobre a conservação do meio ambiente por meio da regra dos três “R’s”: reduzir, reutilizar e reciclar. O personagem Franjinha cria uma solução mágica para deixar tudo limpo e cheiroso, mas quando ele e os demais personagens da Turma da Mônica saem para espalhar o líquido pela cidade, ficam chocados com a poluição e a sujeira do espaço provocados pelo homem. Na tentativa de encontrar uma solução, descobrem os três “R’s”: reduzir – economizar energia elétrica, utilizar sacolas retornáveis, ao invés das de plástico; reutilizar – dos materiais já existentes produzir outros, sem causar danos à natureza; reciclar – separar o lixo conforme seu tipo de material, facilitando a reciclagem deste. De forma interativa e divertida, os personagens buscam informar as crianças que as mudanças realizadas no presente surtirão efeitos positivos. Dessa forma, os esclarecimentos sobre a situação crítica ambiental em que a natureza se encontra deve ser repassado as crianças, assim como no vídeo da Turma da Mônica, para que haja um engajamento por todos em busca de mudanças.

Os *sites* e os vídeos que abordam questões ambientais, criados por Ziraldo e Maurício de Souza, respectivamente, constituem-se em ambientes que atraem os leitores-navegadores não apenas pelas linguagens empregadas e por sua contemporaneidade, mas especialmente pela relevância do conteúdo que provoca os necessários cuidados com o meio ambiente por pessoas de todas as idades.

MATERIAIS DE LEITURA DISPONÍVEIS NO MERCADO

Além dos materiais de leitura que relacionam literatura e meio ambiente, disponíveis no mercado editorial, já referidos, encontram-se *sites* de editoras que divulgam livros para crianças que tratam das possibilidades de relação mencionada, como o livro *Curupira, brinca comigo?*, de Lô Carvalho e produzido pela Bamboozinho (selo da Bamboo Editorial), que tem aplicativo (disponível na *Apple Store* — <https://itunes.apple.com/br/app/curupira-vem-brincar/id1027585924?mt=8> — e *Google Play* — https://play.google.com/store/apps/details?id=com.studiozyx.curupirapt&hl=pt_BR), apresentando os personagens do folclore brasileiro por meio de trilha sonora. A obra é destinada a crianças entre 2 e 8 anos. Além da obra, há

também um aplicativo para conhecer a *Lenda do Curupira*, disponível, no *Google Play* —
https://play.google.com/store/apps/details?id=com.folclore01&hl=pt_BR.

Outras possibilidades de leitura são apresentadas e discutidas no blog Pedagogia ao Pé da Letra (<http://pedagogiaaopedaletra.com/a-educacao-ambiental-na-literatura-infanto-juvenil-como-formadora-de-consciencia-de-mundo/>), partindo de estudos de Nelly Novaes Coelho e Juliana S. Loyola Santana (2006), com o título A educação ambiental na literatura infanto-juvenil como formadora de consciência de mundo. Tratam a literatura como meio (pretexto) para ensinar determinado conteúdo e, assim, desenvolver a consciência do leitor sobre suas práticas de vida, comprometidas com temas/valores específicos, fazendo uma proposição de olhares mais específicos em tom de advertência aos possíveis leitores:

[...]a Literatura destinada às crianças e aos jovens é um dos instrumentos de maior alcance para a urgente conscientização ecológica desse grupo básico nas sociedades. Ou melhor, a Literatura Infanto-Juvenil é um dos caminhos mais fáceis para a conscientização dos imaturos acerca dos problemas que a Educação Ambiental vem colocando para a sociedade e que estão longe de poderem ser resolvidos.

[...] a Literatura é, hoje, entendida como uma experiência humana fundamental, uma vez que atua nas mentes, nas emoções, nos sentimentos, ou melhor, no espaço interior do indivíduo e, evidentemente, atua na formação de sua consciência de mundo (a que é visada pela Educação Ambiental). Daí o crescente interesse da educação contemporânea pela inclusão dos livros literários, paradidáticos e didáticos nos currículos escolares, desde as primeiras séries.

A Pedagogia Moderna já provou abundantemente que é através do ludismo, da imaginação, do jogo ou do prazer de interagir com algo, que as crianças (ou os intelectualmente imaturos em geral) assimilam o conhecimento de mundo que lhes é indispensável para construir seu espaço interior afetivo e racionalmente interagirem com o meio em que lhes cumpre viver. (COELHO & SANTANA, 1996).

Argumentos que defendem este ou aquele tipo de texto para ampliar a consciência dos leitores em formação parecem de grande valia. O que se precisa saber é que textos literários são diferentes de textos paradidáticos e

daqueles construídos com o objetivo específico de informar. Conforme defende Ana Garralón (2015):

“(...) os livros informativos não funcionam do mesmo modo que os de ficção. Possuem projeto gráfico e conteúdo complexos e, assim como exigem dos leitores novas estratégias de leitura, também perdem nossa atenção aos numerosos elementos com novas pautas valorativas que contêm. Este aspecto é crucial. Em muitas das minhas oficinas, um dos obstáculos que encontro junto aos mediadores é a dificuldade para avaliá-los, o que faz com que os livros informativos venham sempre em segundo lugar nas indicações, prevalecendo, mais uma vez, as leituras literárias.” (2015, p. 55)

Acrescentando à discussão os livros paradidáticos, são publicações criadas para conscientizar crianças na escola sobre cuidados com um determinado tema, com o meio ambiente, alvo deste estudo. Essa conscientização nem sempre sintoniza com exemplos de ações dos adultos com a separação do lixo, só para citar um aspecto desse grande tema que traz no presente e trará no futuro grandes problemas de vivência e sobrevivência no planeta Terra. São destinados ao aprofundamento conceitual de determinada/o questão/conteúdo, extremamente úteis à formação da criança enquanto qualificação de suas práticas sociais atuais e futuras. Diferentemente dos textos literários, apresentam temas de interesse de curto prazo, como é o caso do combate ao mosquito da dengue. As narrativas, produzidas por seus autores e ilustradas por artistas plásticos e/ou designers gráficos, apresentam o uso de recursos ficcionais e ilustrações para conscientizar os leitores acerca de problemas emergentes. Neste caso, são os prejuízos incalculáveis que se causa ao meio ambiente e as possibilidades de mudança desse estado de degradação pelos cuidados que deveremos ter para a preservação do espaço natural onde vivemos. Não se referem, nesta perspectiva, às possibilidades de ampliação do imaginário do leitor crianças, nem às possibilidades de experimentação estética oferecidas pelo envolvimento dos pequenos leitores com textos literários.

O que subjaz à discussão sobre os tipos de publicações que são apresentadas aos leitores de todas as idades é o desencadeamento de um processo que perpassa os tempos - a construção de leitores -, conforme declara o reconhecido editor mexicano Goldin (2012):

[...] embora apenas uma pequena minoria de editores realize esforços diretamente relacionados com o estímulo à leitura, nós, editores, sempre *construímos leitores*. Ao escolher este ou aquele autor; ao estabelecer coleções, formatos ou capas; ao fixar preços; ao propor ou estabelecer canais de promoção e comercialização, nós, editores, abrimos ou fechamos oportunidades para que pessoas “não leitoras” se convertam em leitores [...].

[...] a relação entre editores e leitores não é uma relação unívoca. Também os leitores modificam ou estabelecem formas de ser editor: ao escolher ou rejeitar autores e obras, ao optar por uma determinada forma de acesso aos livros (a compra, o roubo, o empréstimo), ao aceitar um rejeitar as pautas de recepção que estes lhes propõem.

[...] ainda que uns e outros nos construamos mutuamente, por meio de uma complexa inter-relação, não estamos sozinhos em uma ilha. (p. 111-112)

A narrativa de caráter pragmático, pedagógico passa a ser tratada como recurso para o ensino de conteúdos determinados, necessários à complementação do currículo escolar, transmitindo informações que podem se transformar em conhecimento, o que contraria a essência ficcional do literário, tornando a literatura infantil um gênero menor. Ainda permanece válida a perspectiva de Cademartori (1986) assim sistematizada: “A literatura propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança” (p.18-19). Desenvolvem-se, certamente, novos olhares dos pequenos leitores para distintas direções, promovendo, assim, o desenvolvimento de sua criticidade que contribuirá para a formação de novas gerações mais críticas. Literatura precisa ser considerada como arte das palavras cujos conteúdos dos textos, apresentados em diferentes suportes, são determinantes na formação da personalidade dos leitores, na configuração de suas atitudes, na estruturação de seu comportamento no mundo.

(...) a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência e a autonomia do pensamento. (CADEMARTORI, 1986, p. 23)

A observação da natureza da literatura infantil permite que se denuncie a interferência que os adultos tentam fazer na formação da criança, impedindo seu desenvolvimento natural como um ser essencialmente cultural, uma vez que, desde seu nascimento, passa a acumular cultura por suas vivências com seus pais, seus avós, demais familiares. Desenvolve-se cognitiva e afetivamente. Fala-se, neste caso, de uma criança influenciada pela produção cultural a que estão sujeitos os integrantes mais próximos de sua família, nos espaços em que circulam. Entre os materiais que contata encontram-se livros, histórias em quadrinhos, filmes, jogos de tabuleiro, *games* eletrônicos, músicas e livros em formato de aplicativos para *smartphones*, *tablets*, narrativas e poemas para *e-readers* também. O tratamento pedagógico do livro para crianças provoca o surgimento de dificuldades no desenvolvimento autônomo da linguagem e dos argumentos pelos quais passa a orientar sua comunicação na família, na escola, desconhecendo, muitas vezes, a manifestação de interesses e necessidades da criança em formação, perspectiva que tem sido denunciada há muito tempo por estudiosos de questões sobre literatura para crianças:

Dentro do contexto da literatura infantil, a função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança. De um lado, a relação comunicativa leitor-obra, tendo por intermediário o pedagógico, que dirige e orienta o uso da informação; de outro, a cadeia de mediadores que interceptam a relação livro-criança: família, escola, biblioteca e o próprio mercado editorial, agentes controladores de usos que dificultam à criança a decisão e a escolha do que e como ler. (PALO & OLIVEIRA, 1986, p. 13)

Entre os livros destinados às crianças, disponibilizados ao público pelo mercado editorial, encontram-se livros de literatura infantil, livros de imagem, livros-jogos, livros-álbuns, livros didáticos, livros paradidáticos, livros em CD, CD-ROM, DVD, histórias infantis em formato de aplicativos para celulares.

Pode-se afirmar em meio a essa diversidade de materiais de leitura, que o ato de ler textos literários infantis desencadeia um processo de comunicação entre autor-leitor, por intermédio do texto, momento em que se observam as características da faixa etária desse leitor, implícitas no texto, bem como seus interesses, suas necessidades e as possibilidades de compreensão, interpretação e apropriação do tema e da linguagem em que é estruturado. Entram nessa comunicação processos de interação com o contexto do autor, do texto e do leitor, o que, por si só, não pode ser considerada tarefa difícil, inexecutável, portanto, mas novos desafios a serem enfrentados durante a formação desse

leitor. Nessa perspectiva, precisam ser valorizadas as ilustrações que, em geral, são criadas por um outro autor, o ilustrador, numa linguagem que possa ser entendida e valorizada pelo leitor-criança. São artistas distintos que desenvolvem duas linguagens: a verbal e a não-verbal, destinados ao público infantil. Observam-se sua competência linguística, sua criatividade no uso dos vocábulos e na estruturação do texto, suas vivências reais e fantasiosas na abordagem de temas que lhes sejam significativos, interessantes. São artistas que promovem o encantamento do leitor em formação ao brincar no universo das palavras, paralelamente ao envolvimento com a magia das imagens, produzindo sentidos a serem significados por esse leitor em formação.

A aproximação entre a criança e os materiais de leitura apresentados em diferentes suportes, reitera-se, pressupõe a ação de familiares (pais, irmãos, avós, cuidadores), o trabalho da escola por meio das ações mediadoras do professor e, idealmente, pelo bibliotecário, sem deixar de referir a mediação feita pelo mercado editorial ao disponibilizar materiais de leitura ao público, empregando, inclusive, recursos inestimáveis de *marketing* em diferentes mídias. A literatura infantil precisa ser valorizada em sua totalidade, observando-se a singularidade da literatura propriamente dita, conforme afirma Azevedo:

A literatura (...) é uma arte (em oposição à ciência) feita de palavras; utiliza sempre e sempre o recurso da ficção (senão seria História, reportagem, biografia etc.); tem motivação estética (ou seja, em princípio não tem utilidade fora buscar o belo, o poético, o lúdico e o prazer do leitor); não é, portanto, utilitária (é “inútil” no sentido de que, objetivamente falando, não serve para nada, nem pretende ensinar nada); recorre ao discurso poético (quer dizer, preocupa-se com a linguagem em si, com sua estrutura, seu tom, seu ritmo, sua sonoridade); vincula-se à voz pessoal, à subjetividade, ao ponto de vista inesperado e particular sobre a vida e o mundo (note-se que no livro *didático* a visão pessoal é substituída pela perspectiva impessoal, enraizada em valores pré-determinados e consensuais); pode e costuma ser ambígua (ao suscitar diferentes interpretações); pode brincar com as palavras e até inventá-las (ou seja, não precisa seguir rigidamente os parâmetros oficiais da Língua); tem a ver, por exemplo, com conceitos como a aventura, o romance, o suspense, a tragédia (na literatura infantil: *Seis vezes Lucas* de Lygia Bojunga ou *Dias difíceis* de Fanny Abramovich), a comédia etc. A literatura costuma tratar de assuntos, subjetivos por princípio, sobre os quais não tem cabimento dar aula: a paixão, a morte, a busca do

autoconhecimento, a amizade, a alegria, os afetos, as perdas, o desconhecido, o imensurável (o gosto, o prazer, o amor, a beleza etc.), a busca da felicidade, a astúcia, o ardil, os sonhos, a dupla existência da verdade, a relatividade das coisas, a injustiça, o interesse pessoal versus o coletivo, o livre arbítrio, a passagem inexorável do tempo, o paradoxal, o conflito entre o velho e o novo etc. Na verdade, ela pode falar de qualquer tema, todos os abordados pelos *paradidáticos* por exemplo, desde que o mesmo seja visto pelo ângulo da ficção, da subjetividade e da poesia.” (<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Livros-para-criancas-e-literatura-infantil.pdf>.)

A amplitude e a complexidade da declaração de Ricardo Azevedo permitem que se compreendam as relações entre a Literatura e temas tão importantes para os seres humanos como questões ambientais, tão relevantes à continuidade da vida no planeta. Sem dúvida, segundo o escritor e pesquisador Azevedo, “(...) os livros de literatura infantil colocam questões humanas vistas no plano da expressão pessoal (e não da informação baseada no conhecimento consensual e objetivo) através da ficção e da linguagem poética.” (<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Livros-para-criancas-e-literatura-infantil.pdf>.)

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – ENTRE NARRATIVAS

Leitura literária e contação de histórias estão interligadas. Durante a contação de histórias, crianças são provocadas a fazer uso de sua imaginação, a criar mundos impossíveis, a fantasiar situações, criar personagens, cenários e tempos os mais diferentes. O ato de contar histórias, seja com uso do livro ou do texto apresentado em outro suporte, seja pela voz do contador, transmitida oralmente, amplia a capacidade de a criança pensar, de conhecer novos mundos, expandir sua cultura, aprimorar sua imaginação, sua criatividade, seu desejo de fazer mais descobertas. Pelas narrativas a criança exercita novas formas de compreender o mundo, de interpretar o mundo, de se apropriar de valores emergentes dessas situações inusitadas, existentes num universo fantasioso, no mundo dos sonhos. São momentos de surpresa, de encantamento irrecuperáveis. São situações de despertar da emoção. São registros inusitados na memória. Prazer indescritível. O gosto inexplicável da leitura.

Muitas são as espécies literárias a que recorre o contador de histórias, consciente ou inconscientemente, para instigar a criança a se envolver plenamente com esse universo imaginário. Entre as histórias que encantam os pequenos leitores, encontram-se as lendas. Narrativas reproduzidas oralmente, objetivam explicar acontecimentos inusitados, misteriosos, sobrenaturais onde se mesclam fatos reais, imaginários, fantasiosos os quais sofrem modificações entre as diferentes gerações que contam e recontam seu conteúdo. São localizadas, coletadas e registradas por escrito por escritores, pesquisadores, interessados em continuar a reproduzir essas histórias que tratam da cultura, das tradições de um povo, tão importantes para a ampliação do conhecimento e da sensibilidade de cada leitor em formação. São empregadas, também, para explicar fenômenos de diferentes naturezas.

A LENDA DO CURUPIRA

Lendas têm sido escritas e reescritas por diferentes estudiosos desse segmento da literatura não apenas para crianças, mas para leitores de todas as idades. Ricardo Azevedo, no seu propósito de resgatar e reproduzir narrativas instigantes do imaginário popular, apresenta duas versões para a lenda do Curupira, nos livros intitulados *Armazém do Folclore* (2004) e *Contos e lendas de um vale encantado – uma viagem pela cultura popular do vale do Paraíba* (2010).

O Curupira, conhecido também como Gurupira, Caiçara e Pai-do-Mato, confunde-se com o Caipora, Caapora, e sua aparência é “de um ser estranho, baixo, atarracado, musculoso, peludo, com os pés virados para trás, costuma proteger o mato e os bichos do mato.” (AZEVEDO, 2010, p. 89). Vive, pois, no interior das matas. Possui os cabelos ruivos, cor de fogo. É de origem indígena, muito forte, conhecido também por sua esperteza. A existência do Curupira se justifica por proteger as plantas em geral e os animais das matas brasileiras. A denúncia sobre os descuidos com a natureza inicia outra versão feita pelo mesmo autor:

Ultimamente, a Natureza anda sendo muito maltratada.
Tem gente, por aí, derrubando árvores e mais árvores para
depois vender a madeira. Imagine uma árvore de trezentos
e tantos anos transformada, sem mais nem menos, numa
porta de garagem ou numa casinha de cachorro.
Por todo lado, também tem muita gente poluindo o ar, as
águas e as matas.

Outro problema grave são as queimadas. (AZEVEDO, 2004, p.55)

Seus alvos principais são os caçadores, lenhadores, pessoas e, por extensão, empresas promotoras do desmatamento, que destroem predatoriamente as matas. Para afugentá-los, o Curupira emite sons agudos. Sua presença pode ser sentida em imagens assustadoras criadas para espantar os opositores, inimigos das matas. Dificilmente é localizado pelos indivíduos que o perseguem, pois seus pés, virados para trás, despistam seus perseguidores, deixando pegadas e falsos rastros no interior das matas. Além disso, sua velocidade e sua agilidade são extraordinárias, sendo quase impossível um ser humano alcançá-lo numa corrida.

Nenhum Curupira de verdade se importa quando um homem caça um animal ou rouba os frutos de uma árvore para saciar a fome ou alimentar sua família. Ai de quem, porém, entrar no mato e sair caçando só por maldade, ou então ganhar dinheiro vendendo a carne, a ele ou os próprios animais. Diante de pessoas assim, o Curupira transforma-se numa fera cruel e perigosa. (AZEVEDO, 2004, p. 58)

Em alguns registros, divulga-se que o Curupira encanta crianças. Após ensinar-lhes os segredos da mata, permanece com elas por sete anos, devolvendo-as para suas famílias. São narrativas que procuram despertar na criança, prolongando-se por toda a vida, cuidados com o meio ambiente, com as plantas, com os animais que enriquecem o meio em que se vive.

De acordo com a lenda, o Curupira tem predileção por recostar-se às sombras de árvores como as mangueiras. Costuma também levar crianças pequenas para morar com ele nas matas. Após encantá-las e ensinar-lhes os segredos da floresta, devolve os infantes para a família, após um período de sete anos. Conta a lenda também que o curupira adora assustar os que entram na floresta – promove encantamentos, visões ilusórias que perturbam a tranquilidade dos visitantes, fazendo-os se perder na mata, numa inconfundível travessura.

Não se pode esquecer de que as lendas são histórias criadas pela imaginação das pessoas, principalmente dos que moravam e continuam morando em zonas distantes do meio urbano, sendo reproduzidas por distintas

gerações oralmente. Precisam ser percebidas como explicações de fenômenos naturais, sobrenaturais inclusive, conforme a perspectiva em que são olhados. O Curupira é fruto da imaginação. Mesmo assim, é um ser fantasioso que aprecia sentir-se feliz. Para tanto, basta lhe oferecer presentes, deixando-lhe, na mata, artefatos indígenas como flechas e alimentos.

Entre as leituras propostas por professores aos alunos no 5º, 6º, 7º anos do Ensino Fundamental, encontram-se lendas como a do Curupira que têm gerado a produção de trabalhos, de autoria dos próprios alunos, valorizando esse tipo de narrativa na linguagem do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=J-GsdIOX4PE>, exemplo dessa interação. A ampliação da consulta na rede permite que se encontrem outros produtos como os vídeos constantes desse canal com o endereço <https://www.youtube.com/watch?v=2-W2LmqjHSI>. São vídeos interessantes, atraentes, capazes de encantar crianças, sem deixar de atrair leitores de diferentes idades por seu conteúdo e pelos requintes das linguagens empregadas em sua produção/reprodução/divulgação.

APONTAMENTOS FINAIS

Assim, os materiais de leitura sobre lendas, numerosos e ricos por seu conteúdo, por sua linguagem, permitem que se reconheça o quanto são importantes na construção do leitor contemporâneo a partir da infância. São histórias de encantamento que enriquecem a interioridade do leitor, ampliam sua imaginação, sua sensibilidade. A leitura literária propicia ao leitor significar os sentidos apresentados pelo texto, a partir do contexto emergente não apenas do texto, mas, sem dúvida, do autor. Essa significação é influenciada pelo universo do leitor que se constitui no conhecimento prévio a ser acionado na leitura. Desse modo, um leitor determinado circula entre produtos emergentes da cultura popular que alimentam sua imaginação, provocando, pela fantasia, o entendimento de fenômenos com os quais se depara em suas vivências pessoais, em suas práticas sociais.

As lendas são textos literários e seus conteúdos objetivam promover uma explicação, no universo da fantasia, de determinado fenômeno natural, dificilmente entendido no contexto da realidade em que vive o leitor, ou mesmo por se tratar de história criada e reproduzida a partir de determinado grupo social. Já os livros paradidáticos são produzidos com finalidade prática: ensinar ao leitor um conteúdo específico, podendo este conteúdo ser mais

permanente ou apresentar validade já predeterminada. Não se apresentam como livros literários.

Na circulação labiríntica entre textos de naturezas distintas, destacam-se os textos literários que perpassam a história da humanidade, permanecem pelos tempos, muito além da vida de seus leitores, dos seus pais, dos pais de seus pais. Há que se distinguir, no processo de construção do leitor, entre materiais de leitura para crianças e materiais de leitura literários para crianças, entre textos ficcionais, paradidáticos, informativos, com o intuito de se conhecer conteúdos, distintos valores e a diversidade de recursos de linguagem que os veiculam. Tudo para entender a complexidade dimensional emergente da voz do poeta Manoel de Barros ao referir que “[...] a criança diz: Eu ouço a cor dos passarinhos”.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. *Contos e lendas de um vale encantado*. Uma viagem pela cultura popular do vale do Paraíba. São Paulo: Ática, 2010.

_____. *Armazém do Folclore*. São Paulo: Ática, 2004

_____. *Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias*. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Livros-para-criancas-e-literatura-infantil.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

BAMBOO EDITORIAL. *Curupira, vem brincar* (app). Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.studiozyx.curupirapt&hl=pt_BR>. Acesso em: 28 set. 2016.

_____. *Curupira vem brincar* (app). Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/curupira-vem-brincar/id1027585924?mt=8>>. Acesso em: 28 set. 2016.

BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Sidney Patr zio Reinaldo. *A Lenda do Curupira* (app). Disponível em:
<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.folclore01&hl=pt_BR>.
Acesso em: 28 set. 2016.

CARVALHO, L . *Curupira, brinca comigo?* Il. Susana Rodrigues. São Paulo: Bamboozinho, 2013.

COELHO, Nelly Novaes; SANTANA, Juliana S. Loyola. A educa o ambiental na literatura infantil como formadora de consciência de mundo. In: TRAJBER, Rachel; MANZOCHI, Lúcia Helena (Org). *Avaliando a Educa o Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Gaia, 1996. Disponível em: <<http://pedagogiaaopedaletra.com/a-educacao-ambiental-na-literatura-infanto-juvenil-como-formadora-de-consciencia-de-mundo/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GARRALÓN, Ana. *Ler e saber: Os livros informativos para crianças*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros*. Divaga es sobre a hospitalidade da leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

LACERDA, Rodrigo. *Todo dia   dia de apocalipse*. Il. Mariana Valente. São Paulo: FTD, 2016.

LANGER, Judith. *Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino da literatura*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.

MUNHOZ, Paulo. *A floresta   nossa*. Il. Rafael Dias. Curitiba: Signopus, 2010.

NA OES UNIDAS NO BRASIL. *A ONU e o meio ambiente*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 28 set. 2016.

O QUE você faz pelo planeta hoje? Disponível em: <<http://www.oquevocefezpeloplanetahoje.com.br/>>. Acesso em: 27 set. 2016.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Editora  tica, 1986.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 1997. p. 106.

TEIXEIRA, Luís Filipe B. A reconfiguração da literatura (ficção) no contexto dos novos médias (ficção, e-textos, hipertextos e videojogos: “máquinas literárias”?). PORTELA, Manoel (Coord.) *Revista de Estudos Literários: Literatura no século XXI*. 2012 – 2. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012. p. 244-245.

TUSSI, Rita de Cássia; RÖSING, Tania M. K. *Programa Bebelendo*. Uma intervenção precoce de leitura. São Paulo: Global, 2009.

YOUTUBE. *Turma da Mônica - Um Plano para Salvar o Planeta*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L3zaoUaHJhQ>>. Acesso em: 28 set. 2016.

_____. *A lenda do curupira*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J-GsdIOX4PE>>. Acesso em: 26 set. 2016.

_____. *O curupira – Série Juro que vi*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2-W2LmqjHSI>>. Acesso em: 26 set. 2016.

ZIRALDO. *O menino da Terra*. Il. do autor. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

Recebido em 20/10/2016

Aprovado em 10/01/2017.